

# ANM promove debate sobre autópsia virtual

DA REDAÇÃO

A Academia Nacional de Medicina (ANM) promoveu na semana passada a conferência Autópsia Virtual como Instrumento de Pesquisa e Ensino: O Caso de D. Pedro I, proferida pelo médico titular de Patologia da Universidade de São Paulo (USP), Paulo Saldiva. O evento contou com a participação do presidente da ANM, Francisco Sampaio.

A partir da análise de casos históricos, a apresentação mostrou que os avanços tecnológicos permitiram o desenvolvimento de novas práticas que, através da autópsia virtual, representam uma excelente alternativa para que sejam superados os problemas enfrentados pelo procedimento convencional, notadamente a dificuldade de autorização para sua execução, a baixa remuneração aos profissionais e a judicialização da medicina.

O conferencista destacou que mais da metade das pessoas que morrem no mundo não têm atestado de óbito, sendo que o número de autópsias médico-legais, principalmente em casos de morte traumática, vem crescendo desde a década de 1980, em virtude do aumento da violência, em detrimento dos casos de morte natural. Diante deste cenário, a evolução dos métodos de imagem tornou a autópsia virtual uma possibilidade mais viável, servindo de base para o controle de qualidade da assistência médica e para a melhoria no aprendizado de médicos praticantes e de estudantes de medicina.

Doenças que se tornaram mais prevalentes neste período de poucas autópsias e que afetam órgãos onde a retirada de fragmentos torna-se difícil em vida (como a doença de Alzheimer e a aterosclerose, por exemplo), poderiam ser melhor compreendidas pela realização de autópsias, de acordo com o médico. Neste contexto, o grupo de pesquisas da USP, o único a realizar autópsia virtual no País, está desenvolvendo estudos comparando autópsias minimamente invasivas – realizadas pelo uso de técnicas avançadas

de imagem (tomografia e ressonância magnética) e biópsias percutâneas – com autópsias convencionais.

Para tal, foi instalado no serviço de Patologia um tomógrafo de 16 canais e o primeiro aparelho de ressonância magnética de 7 Tesla da América Latina. Através da Plataforma de Imagens na Sala de Autopsia (PISA) da Universidade de São Paulo, uma estrutura montada com investimentos de US\$ 12 milhões, Saldiva e sua equipe têm o objetivo de aplicar a autópsia virtual como nicho de ensino e pesquisa.

## Caso D. Pedro-I

No evento, foi apresentado o projeto responsável pela realização da autópsia virtual com tomografia computadorizada, com a intenção de descobrir as causas das mortes, nos corpos de Dom Pedro I e das imperatrizes Maria Leopoldina (1ª esposa) e Amélia de Leuchtenberg (2ª. esposa), que ficam no Museu da Independência, em São Paulo. No caso de Maria Leopoldina, foram encontrados resquícios do sistema nervoso central e foi descoberto que, ao contrário do que era dito pela história (que teria caído da escada durante uma discussão com o então imperador), faleceu em virtude de uma infecção puerperal, possivelmente por um aborto retido.

O corpo de Dom Pedro I, por sua vez, encontrava-se em uma situação precária, com fraturas na clavícula e em todas as costelas do lado esquerdo. Além disso, um de seus pulmões não funcionava e o outro foi acometido por uma tuberculose, que teria levado a um quadro de insuficiência cardíaca; diferentemente da crença de que o Imperador falecera de sífilis. Por fim, no caso de Amélia de Leuchtenberg, foi encontrado um corpo parcialmente mumificado, com órgãos preservados internamente, por ter sofrido um processo de saponificação. A autópsia mostrou que houve diversas calcificações metastáticas, possivelmente decorrência de um quadro de insuficiência renal e apresentava ainda uma escoliose considerável.